

Claudio Di Meola, *Kommen und gehen. Eine kognitiv-linguistische Untersuchung der Polysemie deliktischer Bewegungsverben.*
Tübingen: Max Niemeyer Verlag 1994 (*Linguistische Arbeiten* 325,
256 pág., DM 118,00, ISBN 3-484-30325-5)

1. – Trata-se de uma tese de doutoramento, elaborada originalmente em italiano na Universidade de Roma III e ora apresentada em língua alemã.

O trabalho analisa os verbos dêiticos altamente polissemicos *kommen* e *gehen*, baseando-se num corpus volumoso de dados (28.000 referências “de diferentes níveis estilísticos e esferas funcionais” (p. 3)). O autor tem como objetivo descrever e explicar a polissemia destes verbos. Em oposição a abordagens tradicionais que fazem uso do conceito do significado nuclear, pressupondo que todas as variantes de um elemento polissemico têm uma determinada parte dos seus significados em comum, ele prefere uma concepção de redes semânticas que se fundamenta na teoria dos protótipos. O princípio central desta concepção é a vizinhança de significados. As diferentes variantes de um elemento polissemico não precisam necessariamente ter uma parte do significado em comum, mas podem, em vários respeitos, ser contíguas uma à outra. Mudanças diacrônicas de significados, segundo este modelo, se dão em função de transferências metafóricas e metonímicas. Di Meola destaca explicitamente o fato de que esta concepção, que ele denomina de cognitiva e que parte principalmente dos trabalhos de George Lakoff (1987 e o.), afasta-se da visão estruturalista da linguagem (p.25 s.).

Partindo de descrições de movimentos no espaço concreto (p.30-85) e progredindo para descrições de movimentos no espaço abstrato (p. 86-167), a análise chega a descrições de movimentos virtuais (p.168-178). Nos capítulos individuais, a pesquisa passa de empregos dêiticos para empregos não-dêiticos dos verbos em questão. Assim, é sondada, em círculos crescentes, a polissemia de *kommen* e *gehen*. As variantes detectadas e as relações de parentesco entre elas são visualizadas através de assim chamadas redes semânticas (p. ex. p. 37, 49, 58, 207 ss., 228 s., e.o.). Como resultado, chega-se a reconhecer como motivadas até variantes tradicio-

nalmente tratadas como expressões idiomáticas (p. 140-164) ou como verbos gramaticais semanticamente vazios (p. 164-167).

O ponto forte do livro encontra-se no âmbito descritivo. O autor apresenta uma abundância de referências autênticas que consegue organizar de uma maneira modeladamente nítida. As observações individuais caracterizam-se por alta sensibilidade e não deixam de convencer espontaneamente. A análise toma uma postura levemente distanciada frente aos dados, o que certamente se explica pelo bilingüismo de seu autor. São obtidas descrições extremamente valiosas, particularmente para o germanista fora dos países germanófonos, uma vez que o autor considera em alguns capítulos (pp. 97-112, 119-123), também os verbos ingleses *come* e *go* e italianos *andare* e *venire*. Sem dúvida, este livro é a abordagem mais detalhada atualmente existente sobre os verbos *kommen* e *gehen*.

2. – DI MEOLA organiza sua análise com a ajuda dos parâmetros **perspectiva** (Onde se encontra o observador?; *kommen* – no local de destino; *gehen* – no local de origem) e **focalização** (Qual local do caminho é figura e qual fundo?; *kommen* – o local de destino é figura, o restante do caminho fundo; *gehen* – não-determinado) (p. 29). O critério da perspectiva importa para a análise das variantes dêiticas, o critério da focalização para a análise das variantes dêiticas e não-dêiticas (p. 48 s.). Para a explicação de muitas expressões idiomáticas, o autor toma em prestada de LINDNER (1983) a noção extremamente frutífera do “foco interativo”, ou seja, do foco de atenção de um observador canônico (p. 96 ss.).

Quando os dois verbos são empregados como dêiticos, entende-se como posição do falante, segundo DI MEOLA (p. 30 s.), o local de destino no caso de *kommen* e o local de origem no caso de *gehen* – uma visão que convence mais para *kommen* do que para *gehen*. Enquanto *kommen*, nos exemplos dados por DI MEOLA (como por outros autores em seus trabalhos), realmente é usado, na maioria das vezes, para indicar que o falante se identifica, de uma forma ou outra, com o local de destino (seja porque ele está posicionado afisicamente, ou seja porque focaliza o local de destino); uma identificação análoga com o local de origem não é

pré-requisito para o uso de *gehen*. Na verdade, ela acontece principalmente quando *gehen* é combinado com um sujeito da primeira pessoa, como ocorre frequentemente nos exemplos usados em trabalhos sobre o assunto (incluindo o de DI MEOLA). Com um sujeito da terceira pessoa, no entanto, *gehen* pode ser usado completamente independente da identificação ou não-identificação do falante com um dos locais do caminho. Assim, se diz:

(1) Die Leute gehen in die Kirche.

igualmente quando se observa o movimento a partir do local de origem, a partir de um local de passagem, de longe sem contato com o caminho, ou mesmo quando não se observa o movimento. Até quando o observador estiver posicionado imediatamente do lado do local de destino, por exemplo, do lado da porta da igreja, ele pode usar *gehen*. Apenas uma identificação com o local de destino não pode ser expressa por *gehen*. Consequentemente, seria mais correto dizer que *gehen* é neutro quanto ao posicionamento do observador.

A neutralidade de *gehen* quanto à posição do observador confronta-se com a neutralidade de *kommen* quanto ao modo da execução do movimento (p. 74 ss.). Enquanto *kommen* é usado para os mais diferentes tipos de movimentos, *gehen* muitas vezes restringe-se a movimentos a pé. Aqui percebe-se claramente que os dois verbos estão numa relação assimétrica um ao outro (assim também DI MEOLA, p. 179-184).

A interpretação de *gehen* como verbo que perspectiva o movimento a partir do local de origem leva DI MEOLA a conceber especificações explícitas do local de origem tais como:

(2) Geh sofort aus diesem Zimmer/aus dieser Wohnung/aus dieser Stadt!

como meras paráfrases do respectivo aqur do observador (p. 39 s.). Tal interpretação, porém, é contra-intuitiva e supérflua. Evidentemente, uma frase como (2) pode ser dita por alguém que nem se encontra no local

especificado nem se identifica com este local. Logo que o falante pretenda evitar sinalizar uma identificação com qualquer local do caminho, ele emprega *gehen*. Conseqüentemente, a diferenciação entre variantes dêiticas e não-dêiticas, que se aplica bem a *kommen*, parece meio artificial com *gehen*.

Em alguns outros casos, a análise empírica que foi elaborada, a princípio, bastante cautelosamente, mostra generalizações precipitadas. A afirmação, por exemplo, que especificações do local de origem junto a *gehen* "quase sempre" aparecem com a preposição *aus*, enquanto *er* "na maioria das vezes" seria "inaceitável" (p. 40, 51) está claramente errada. Na verdade, a seleção entre *aus* e *von* não tem nada a ver com o verbo *gehen*, mas sim, com o objeto de referência de cada caso (*aus dem Zimmer* mas *von der Stelle*, *vom Marktplatz*, *vom Fußballfeld*). Em conseqüência, não é correta a afirmação de que, a este respeito, existe uma diferença entre *gehen* e *kommen* (p. 41).

Um ponto fraco mais grave encontra-se no fundamento teórico insuficiente do trabalho. Desde o início fica pouco claro o que DI MEOLA entende exatamente por lingüística cognitiva. A definição meio superficial dada por ele (p. ex. p. 13 ss.) leva à suspeita de que seguiu irrefletidamente uma moda terminológica. O trabalho dá a impressão de que não se fundamenta nem numa teoria semântica geral nem numa teoria especial da semântica lexical. Os conceitos centrais usados como *significado*, *polissemia*, *variante (lexical/semântica)*, *metonímia*, *metáfora*, *rede semântica* etc. não são definidos. Seu emprego no trabalho parece essencialmente não-técnico/cotidiano. A assim chamada teoria dos protótipos, que serve como moldura conceitual, é introduzida com extrema brevidade (p. 21-24) e quase não é problematizada (p. 231 ss.). A obra teórica e empiricamente importante de WIERZBICKA (1985) sobre este assunto não foi consultada.

A definição faltante de *significado* torna-se um problema, por exemplo, quando DI MEOLA afirma que, em casos como

- (3) Er geht zum Fasching als Cowboy.

o verbo *gehen* teria o significado de 'disfargar-se', e em casos como

- (4) in Schwarz gehen

o significado de 'estar de luto' (p. 57). Tais paráfrases não são compatíveis com nenhum conceito exato do significado lexical. Elas confundem o significado de uma palavra com a interpretação de um enunciado. Quem entende (3) no sentido de que a pessoa mencionada se disfarga de *cowboy*, obviamente não pode atribuir esta interpretação à contribuição semântica do verbo *gehen*, mas sim, ao seu conhecimento cultural sobre o *Fasching* (carnaval no sul da Alemanha), que inclui o conhecimento sobre a convenção de que alguém que participa do *Fasching* se disfarga, e que, conseqüentemente, quem vai a uma festa de *Fasching* 'als Cowboy' ('como cowboy') vai 'disfargado de cowboy'. Podemos, também, dizer:

- (5) Er feiert Fasching als Cowboy.
(6) Er tanzt auf dem Fasching als Cowboy.
(7) Er betrinkt sich auf dem Fasching als Cowboy.
(8) Er kommt vom Fasching als Cowboy nach Hause.,

e em nenhum destes casos atribuir-se-ia aos verbos *feiern* ('festejar, comemorar'), *tanzen* ('dançar'), *sich betrinken* ('embebedar-se') e *nach Hause kommen* ('voltar para casa') a paráfrase 'sich verkleiden' ('disfargar-se').

Um outro ponto que fica pouco claro é o *status* dos termos ingleses *Source*, *Path* e *Goal* usados por extenso por DI MEOLA (p. 29 e.o.). Por que ele não usa os termos cotidianos alemães *Ausgangspunkt*, *Weg* e *Ziel*? São *Source*, *Path* e *Goal* entendidos como termos científicos normatizados, e qual seria a norma de referência? Adere o autor à assim chamada teoria dos casos, p. ex. a FILLMORE? Aqui permanecem abertas muitas perguntas.

A base teórica fraca faz com que o trabalho junto aos dados em alguns lugares apareça como uma casuística. Às vezes, as diferenciações feitas entre variantes semânticas são tão sutis que se chega a duvidar se trazem mais proveito ou mais confusão. Alguns autores, p. ex. RÖSNER

(1993: 223 s.), destacaram a diferença importante entre *kommen* e *gehen*, que jaz no critério da intencionalidade. Um movimento que pode ser denominado de *gehen*, será um movimento executado de propósito, enquanto um movimento que se denomina de *kommen* pode ser executado propositada ou não-propositadamente. Comparem-se os seguintes exemplos:

(9 a) 1950 gingen Herbert M. und seine Familie in die USA.

(9 b) 1950 kamen Herbert M. und seine Familie in die USA.

No primeiro caso, entende-se que Herbert M. e sua família tomaram sua própria decisão, ou seja, que se tratou, por exemplo, de uma emigração. No segundo caso, entende-se que Herbert M. e sua família talvez não tenham seguido uma decisão própria, ou seja, que Herbert M., por exemplo, foi mandado para os Estados Unidos por sua firma.

DI MEOLA divide este critério da intencionalidade em três critérios diferentes: incondicionalidade (movimento não-impedido), intencionalidade (movimento motivado por vontade própria) e atividade (movimento propellido por força própria) (p. 61 ss.). As variantes de *kommen* distinguíveis com estes subcritérios afastam-se de *gehen* em graus crescentes. A vantagem de poder demonstrar essa escala opõe-se à desvantagem, reconhecida pelo próprio autor (p. 63), de não poder, na aplicação prática, delimitar as variantes uma à outra. No final das contas, provavelmente não temos aqui variantes lexicais *stricto sensu*, mas sim, empregos individuais em contextos individuais, aos quais cada elemento linguístico tem que ser adaptado de uma maneira ou outra.

3. — Provavelmente, o trabalho de DI MEOLA é melhor usado como um verbete de dicionário ampliado para 240 páginas. Precisa-se compará-lo com os correspondentes verbetes em dicionários de valências (p. ex. GERLING & ORTHEN 1979: 177 ss.; 206 s.), para reconhecer sua enorme superioridade.

Pode-se, contudo, imaginar que o livro, enquanto não se exageram as esperanças, estimule até o pensamento teórico, pois os muitos conceitos mal-definidos que, na prática, parecem funcionar estranhamente bem, esperam por definições *ex post*. Evidentemente, um ramo científico relativamente novo como a assim chamada linguística cognitiva não pode provar sua razão de ser apenas por meio de aventuras teóricas. Resultados palpáveis empíricos são ao menos igualmente importantes.

Um resultado assim, sem dúvida, é representado pelo trabalho de DI MEOLA. Também pela linguagem clara e não-pretensiosa em que foi escrito, ele deverá ser predestinado a uma recepção respeitável. Apenas o excesso de notas de rodapé (muitas delas supérfluas), às vezes, atrapalha a fluência da leitura.

Referências bibliográficas

- GERLING, Martin & ORTHEN, Norbert. *Deutsche Zustands- und Bewegungsverbren. Eine Untersuchung zu ihrer semantischen Struktur und Valenz*, Tübingen, Narr, 1979.
- LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*, Chicago, University Press, 1987.
- LINDNER, Susan J. *A Lexico-Semantic Analysis of English Verb Particle Constructions*, Trier, LAUT, 1983.
- RÖSNER, Jutta. "Kommen und Gehen im Deutschen und Französischen". In: ROVERE, Giovanni & WOTJAK, Gerd (org.). *Studien zum romanisch-deutschen Sprachvergleich*, Tübingen, Niemeyer, p. 215-228, 1993.
- WIERZBICKA, Anna. *Lexicography and Conceptual Analysis*, Ann Arbor, Karoma, 1985.

Hardarik Blindorn, Área de Alemão, USP